

Perspectivas metodológicas em pesquisas no “ciberespaço”: redes sociais, identidade e sociabilidade¹

Theophilos Rifiotis² (coordenador)

Alex Primo³

Maria Elisa Máximo⁴

Universidade Federal de Santa Catarina

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Associação Educacional Luterana Bom Jesus – IELUSC

Resumo

A partir de experiências concretas de pesquisa em diferentes modalidades de interação mediada por computador, bem como de reflexões teórico-metodológicas sobre a cibercultura, esta mesa-redonda se propõe a discutir, em caráter interdisciplinar, os desafios e problemas colocados para as pesquisas no ciberespaço. Com base nas questões atualmente levantadas acerca dos processos sociais estabelecidos no âmbito das redes de relações tecidas na interação mediada por computador, pretende-se promover o debate sobre as condições para a pesquisa nesse universo, especialmente no que se refere às possibilidades para o encontro e o diálogo entre pesquisadores e sujeitos das pesquisas.

¹ Proposta de mesa temática apresentada ao eixo temático “Redes sociais, identidade e sociabilidade”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

² Theophilos Rifiotis é professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFSC, coordenador do GrupCiber (Grupo de Pesquisa em Antropologia e Cibercultura), pesquisador com bolsa produtividade do CNPq. Vice-presidente da ABCiber (Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura). Parecerista do CNPq, CAPES e FAPESP. Possui mestrado pela Université René Descartes – Paris V, Doutorado pela Universidade de São Paulo, pós-doutorado na Universidade de Montreal. Membro da Comissão de Direitos Humanos da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), 1998-2000, 2004-2006. Coordenador do Laboratório de Estudos das Violências (LEVIS) da UFSC.

³ Alex Primo é professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS e pesquisador com bolsa produtividade do CNPq. Possui mestrado em Jornalismo (Ball State University) e doutorado em Informática na Educação (UFRGS). Sua tese de doutorado foi premiada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e pela Sociedade Brasileira de Informática na Educação (SBIE). Foi secretário da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós (2005-2007) e editor dos periódicos E-compós e Intexto. Prestou consultoria para a equipe do Orkut, na sede do Google, na Califórnia. Publicou o livro "Interação Mediada por Computador: comunicação, cibercultura, cognição". Atualmente pesquisa gêneros e interações em blogs e conversações online. Coordena o Laboratório de Interação Mediada por Computador (LIMC). Consultor de mídias sociais (Google EUA, Google Brasil).

⁴ Maria Elisa Máximo é professora dos cursos de Comunicação Social (Jornalismo e Publicidade), da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/IELUSC, em Joinville/SC. Possui mestrado e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina e integra o Grupo de Estudos do Ciberespaço (GrupCiber) na condição de vice-líder. Atualmente, atua como Coordenadora Geral do Núcleo de Estudos em Comunicação (NECOM) do IELUSC e é editora da Revista Rastros (IELUSC).

Palavras-chave

Redes sociais; Identidade; Sociabilidade; Cibercultura; Metodologia.

Proposta da mesa

A partir de experiências de pesquisa e reflexões teórico-metodológicas de pesquisadores em Comunicação e Antropologia no campo da cibercultura, esta mesa se propõe a discutir as questões e desafios metodológicos colocados para os estudos no ciberespaço. O debate metodológico esteve no centro desse campo de estudos desde que ele começou a se configurar, nos anos 90, com as primeiras pesquisas sobre as formas de interação geradas na interface com as tecnologias da informação e da comunicação. Questionamentos sobre as condições para a coleta e registro de dados, para realização de entrevistas, e da etnografia, enfim, para o estabelecimento da relação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, bem como questões éticas específicas implicadas na pesquisa no ciberespaço estavam, portanto, na pauta das reflexões metodológicas.

As peculiaridades da comunicação mediada por computador, principalmente naquele momento em que as ferramentas eram mais “textuais” e menos “visuais”, centralizavam o debate na medida em que sugeriam a necessidade de se pensar perspectivas metodológicas específicas para as pesquisas no ciberespaço, que levassem em consideração as potencialidades e limitações de cada ferramenta para a expressão individual, construção de identidades e para o estabelecimento das relações sociais. Em outras palavras, o debate girava mais em torno das especificidades do “meio” e nos desafios e dilemas colocados, então, para a realização de pesquisas no ciberespaço.

Pode-se dizer, ainda, que tais preocupações estavam, por sua vez, circunscritas no âmbito de reflexões mais amplas e abrangentes, que tendiam a se polarizar entre abordagens “apocalípticas” e “apologéticas” nesse momento de fundação desse campo de estudos. Surgem daí concepções apriorísticas do ciberespaço (RIFIOTIS, 2002) que consideravam ou o seu potencial democratizante decorrente da universalização dos meios de comunicação, como sugeria P. Lévy (1999), ou o seu potencial destrutivo decorrente de uma mediatização, massificação e desrealização generalizada, como indicavam P. Virilio (1993) e J. Baudrillard (1996). O próprio uso generalizado do adjetivo “virtual” para caracterizar as formas e processos sociais engendrados na interação mediada por computador, aponta um tipo de

entendimento do ciberespaço que não considera as formas de interação produzidas em cada contexto, a partir da apropriação de cada modalidade especificamente.

Nos últimos anos, no entanto, nota-se um acúmulo significativo de trabalhos voltados à compreensão da produtividade social do ciberespaço a partir de questionamentos sobre como se dão as interações nos diferentes espaços e modalidades que coabitam na Internet (RIFITIOS, 2002). Nesses estudos, o ciberespaço passa a ser percebido não mais como *um* espaço de interação, mas como um universo permeado por fronteiras simbólicas, que demarcam segmentos mais ou menos delimitados, definidos em termos de padrões comunicativos cuja constituição não se reduz às especificidades do “meio” e/ou à presença da interface tecnológica (MÁXIMO, 2006). Tal entendimento permite pensarmos o ciberespaço como mais uma dimensão das chamadas *sociedades complexas* (VELHO, 1994) e, conseqüentemente, desloca-se o foco sobre as definições generalizantes, dando-se lugar às interrogações sobre como se constroem essas fronteiras simbólicas e as dinâmicas sociais que se estabelecem em cada contexto.

A proposta desta mesa surge, portanto, no sentido de proporcionar o diálogo entre pesquisadores da Comunicação e da Antropologia empenhados em abordagens contextuais do ciberespaço que, considerando as especificidades de cada modalidade e grupo, tenham em conta que os aspectos relativos à interação num dado contexto social só adquirem significado se analisados no seu próprio registro. E isso não exclui, certamente, a possibilidade de determinados aspectos ou padrões comunicativos relacionados a uma modalidade ou grupo serem extensíveis a outras modalidades de comunicação mediada por computador e/ou situações de interação face a face.

Sob esta perspectiva é que entendemos a importância de um espaço para o debate interdisciplinar sobre os problemas de pesquisa vivenciados concretamente nos estudos da comunicação mediada por computador, possibilitando a discussão das questões teórico-metodológicas colocadas por este campo de pesquisa para as ciências sociais de um modo geral. Um dos desafios maiores desse debate é refletir sobre a nossa própria condição, enquanto pesquisadores, em nossas experiências de pesquisa, considerando que nós também somos “nativos” do ciberespaço e deste universo vivencial produzido na interface com as tecnologias da comunicação e da informação. Compreende-se, nesse sentido, que nessas pesquisas em que sujeitos e objetos se encontram, o diálogo se impõe como uma necessidade, assim como a postura crítica. Trata-se, portanto, de colocar em suspensão a autoridade do pesquisador, bem como a familiaridade com os objetos para, a partir desse deslocamento,

produzirmos reflexões e narrativas marcadas por esse movimento constante entre o “interior” e o “exterior” das experiências sociais e da própria produção científica (RIFIOTIS, 2008). Com esse entendimento pretendemos, nesta mesa-redonda, promover o encontro e a reflexão de diferentes experiências de pesquisa, destacando os referenciais utilizados nas diferentes disciplinas (especialmente na Antropologia e na Comunicação), buscando, enfim, superar as barreiras e limites disciplinares e avançar no debate teórico-metodológico acerca dos estudos do ciberespaço e da cibercultura.

Resumos dos trabalhos

Cibercultura e redes sociotécnicas: controvérsias teórico-metodológicas

Theophilos Rifiotis

Trata-se de refletir criticamente sobre as contribuições teórico-metodológicas no campo de estudos da chamada “cibercultura”. Procuramos identificar as matrizes teórico-metodológicas dos estudos da “cibercultura” através da análise da apropriação feita em estudos antropológicos e da ciência da comunicação de noções como “cibercultura”, “comunidades virtuais”, “novas formas de sociabilidade”, “comunicação mediada por computador”, “redes sociais”, “identidade”, “sociabilidade” etc., e da própria etnografia no “ciberespaço”. Procuramos mostrar como a noção de rede sociotécnica, como desenhada por B.Latour, e o estudo de agregados sociais associados à chamada “interação mediada por computadores”, mais conhecida como “comunicação mediada por computadores” (CMC), podem contribuir para o estudo das redes sociais, identidades e sociabilidades no ciberespaço. A partir desta revisão crítica, argumentamos a favor de uma abordagem na qual os hardwares e softwares pudessem também ser analisados efetivamente na sua condição múltipla e contingente de intermediários e mediadores, e re-afirmamos a necessidade da pesquisa antropológica rastrear as associações criadas nas interações entre humanos e não-humanos que têm lugar no “ciberespaço”. Entendemos que tal revisão se impõe tanto nos aspectos teóricos quanto metodológicos e aponta para uma ampla revisão dos marcos da análise das formações históricas e sociais que se configuram com as tecnologias digitais, e possibilitam a emergência de novas configurações de sujeitos sociais e de agentes híbridos.

Palavras-chave: redes sociais, cibercultura, sociabilidade, metodologia.

Quanto vale o número de amigos em mídias sociais?

Alex Primo

O termo “amigo” vem sendo utilizado em programas de mensagens instantâneas (como MSN) e sites da Web 2.0 (orkut, Twitter, Flickr, etc.) como um simples rótulo para agrupar contatos e definir privilégios de acesso a informações. Em um primeiro momento, este trabalho visa refletir sobre a genealogia do conceito de amizade, buscando investigar como a percepção de “amigo” vai se transformando em virtude de características epocais. Nesse percurso, tanto as visões idealistas e normativas de amizade serão discutidas, quanto as diferentes perspectivas utilitárias e políticas. A partir desse levantamento filosófico e sociológico, pretende-se analisar como a quantificação de “amigos” em sites de redes sociais trivializa o conceito, transfigurando-o em um dado que serve apenas a fins mercadológicos e persuasivos.

Palavras-chave: amizade; amigo; redes sociais online; interação; reputação.

Nas ‘densidades’ das redes: relato de uma experiência de pesquisa nos blogs

Maria Elisa Máximo

Este trabalho se propõe a refletir sobre uma experiência de pesquisa no “universo dos blogs” que buscou compreender como os sujeitos atuam e se constroem nesses espaços de expressão e interação, colaborando na geração de contextos que se configuram em termos de redes de relações sociais. Considerou-se, nesse sentido, que o que se expressa dos blogs não é necessariamente da ordem da “intimidade” ou da “vida privada”, como sugerem algumas abordagens, mas um cotidiano inventado, teatralizado por meio de jogos performáticos, de modo a se tornar compartilhável no interior de contextos sociais mais ou menos delimitados por afinidades e interesses específicos. Situada no campo de aproximação entre o *interacionismo simbólico* e a *etnografia da fala*, a pesquisa focalizou as formas como os blogueiros ‘se apresentam’ em seus blogs, as ‘competências’ mobilizadas em suas performances e, sobretudo, os contextos e redes sociais que emergem dessas atividades de fala. O trabalho etnográfico mostrou-se, por sua vez, fundamental para a compreensão da produtividade social nos blogs, possibilitando alcançar a dimensão vivencial das interações e permitindo, conseqüentemente, perceber que a existência social dos espaços criados nesse universo está diretamente relacionada aos padrões culturais construídos pelos sujeitos em interação. Com base nesta experiência pretende-se, então, discutir as questões colocadas para a pesquisa etnográfica no ciberespaço, especialmente no universo dos blogs, não apenas pelo viés das especificidades do “meio”, mas a partir da dimensão vivencial da pesquisa: o processo de inserção em campo, a negociação da identidade do pesquisador, a construção das redes de relações sociais e as possibilidades para o “encontro etnográfico”. Enfim, propõe-se colocar em debate as contribuições que a etnografia oferece para a compreensão dos processos interativos que se estabelecem nas diferentes modalidades de interação mediada por computador, sobretudo no atual contexto das chamadas ‘mídias sociais’.

Palavras-chave: etnografia; blogs, redes sociais; eventos performáticos; interação

Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. “Televisão/revolução: o caso Romênia”. PARENTE, André. *Imagem-máquina: a era das tecnologias digitais*, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1996: 147-154.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1999.

MÁXIMO, Maria Elisa. *O eu em cena, o eu em rede. Cotidiano, performance e sociabilidade nas redes sócio-técnicas*, Tese (Doutorado em Antropologia Social), Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, 2006.

RIFIOTIS, Theophilos. “Antropologia do Ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade”. *Antropologia em Primeira Mão*, n. 51, Florianópolis, Prog. de Pós-graduação em Antropologia Social/UFSC, 2002.

RIFIOTIS, Theophilos. “Apresentação”. RIFIOTIS, T. et alli *Antropologia do Ciberespaço*, Florianópolis, Edufsc, no prelo.

VELHO, *Projeto e Metamorfose*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

VIRILIO, Paul. *Espaço crítico e as perspectivas do tempo real*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993.